

O impacto regional da pandemia nos três grandes setores econômicos

NOTA TÉCNICA

www.firjan.com.br/publicacoes

Em 2020, a pandemia causada pela COVID-19 afetou negativamente a economia mundial, e com o Brasil não foi diferente. A expectativa para o ano era de crescimento econômico moderado, dando continuidade aos anos anteriores, mas o que se observou foi uma forte queda em todos os grandes setores¹. A atividade econômica fluminense também apresentou forte queda no ano passado, porém mais branda que a observada nacionalmente, conforme nota divulgada pela Firjan.²

Nesse contexto, o presente levantamento traz um balanço da atividade econômica em 14 estados brasileiros, um ano após o início da crise sanitária. A partir da combinação dos dados que mostram a dinâmica evolutiva da economia com a participação dos grandes setores nas economias locais, busca-se responder o questionamento: quais estados foram mais impactados?

Importante mencionar que foram analisados os dados de atividade econômica do Brasil (BR)³ e de 14 estados para os quais o IBGE realiza, simultaneamente, a divulgação mensal dos setores da indústria, comércio e serviços⁴. Esses 14 estados representam 87,8% do PIB nacional e 79,8% da população, segundo os dados do IBGE.

Indústria: somente Pará (PA) e Pernambuco (PE) apresentam taxa positiva.

O gráfico 1 mostra as taxas de crescimento da indústria, no acumulado em doze meses, até fevereiro de 2021, para o Brasil e para os 14 estados brasileiros analisados neste levantamento. A indústria brasileira recuou 4,2% no acumulado de março de 2020 a fevereiro de 2021 em relação ao período pré-pandemia⁵, sendo Espírito Santo (ES) e Bahia (BA) os estados com as maiores quedas (-13,9% e -9,3%, respectivamente), e Pará (PA) e Pernambuco (PE), os únicos estados com resultado positivo (+0,1% e 3,0%).

Em relação à Bahia (BA), vale destacar que o estado sofreu intensamente com a queda da produção de veículos (-55,5% na taxa acumulada em doze meses até fevereiro de 2021), intensificada pelo fechamento da fábrica da Ford em Camaçari.

¹ Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram que os setores da indústria (Pesquisa Industrial Mensal - PIM), comércio ampliado (Pesquisa Mensal de Comércio - PMC) e serviços (Pesquisa Mensal de Serviços - PMS) encerraram o ano de 2020 com taxas negativas, respectivamente, -4,2%, -1,4% e -7,8%.

² Para mais detalhes, conferir nota em <https://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-economia/pib-brasil-e-rio-de-janeiro-resultados-e-projecoes.htm>

³ Independentemente dos resultados regionais serem divulgados apenas para alguns estados, os indicadores do Brasil são construídos pelo IBGE para representar a realidade dos setores a nível nacional.

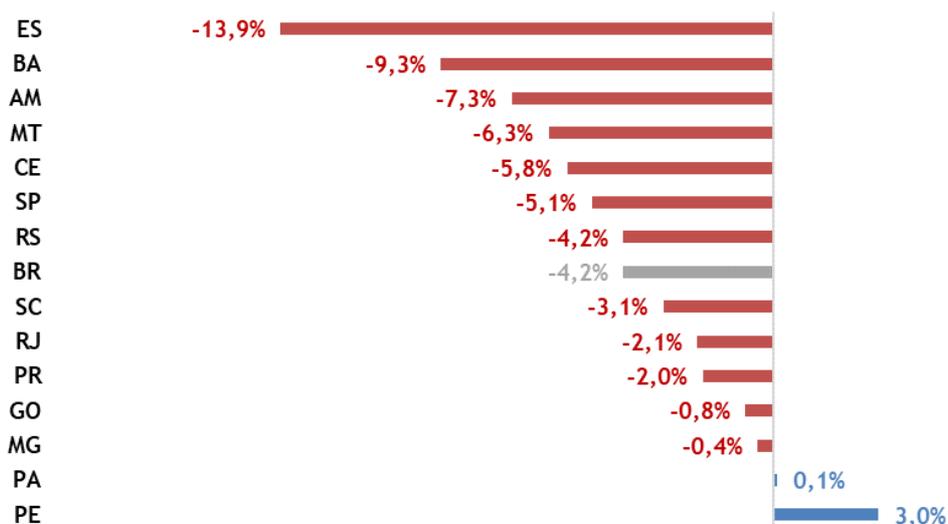
⁴ Os dados utilizados para a análise dos 14 estados e do Brasil são as pesquisas mencionadas na nota de rodapé 1.

⁵ O período pré-pandemia refere-se aos doze meses imediatamente anteriores a março de 2020 - início da pandemia no Brasil.

Na contramão do desempenho negativo da indústria nacional, a produção industrial do Pará (PA) obteve resultado positivo, impulsionada pela atividade extrativa, que representa cerca de 46% da indústria paraense, e foi influenciada pelo aumento das exportações de minério de ferro.

A despeito da indústria fluminense apresentar taxa negativa nessa comparação (-2,1%), esta retração é menos intensa que a registrada pela indústria nacional, que se justifica principalmente pelo bom desempenho da indústria extrativa fluminense (setor de óleo e gás) no período da crise sanitária.

Gráfico 1: Taxa de crescimento acumulada em doze meses da produção industrial, até fevereiro de 2021



Comércio⁶: Sete estados ainda apresentam taxa negativa em relação ao período pré-pandemia.

As medidas para conter a propagação do vírus, que se estenderam por todo o país, resultaram em quedas expressivas nos indicadores de comércio. Pelo gráfico 2 é possível perceber que, após um ano do início da pandemia, metade dos estados analisados encontra-se com taxa negativa no comércio, assim como o Brasil.

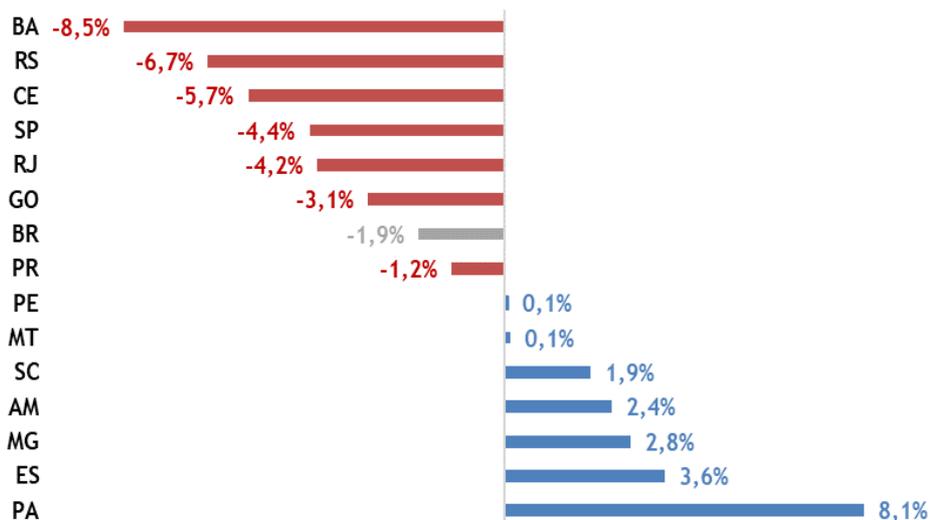
No estado da Bahia (BA), que possui a maior queda no setor de comércio (-8,5%), dentro da amostra analisada para o período, destaca-se o recuo no segmento de tecidos e vestuário (-32,5%).

Em linha com o desempenho da indústria, o setor varejista do estado do Pará (PA), que está diretamente relacionado ao poder de compra da população e ao emprego⁷, também conseguiu manter-se resiliente em meio à crise sanitária. Deste modo, as vendas no comércio do estado destacaram-se positivamente. A taxa acumulada em doze meses para o mês de fevereiro (+8,1) foi mais do que o dobro daquela observada no estado do Espírito Santo (ES), +3,6%, por exemplo, o segundo colocado nessa comparação.

⁶ A análise do setor refere-se ao comércio ampliado, em que são inclusas as vendas no segmento de material de construção e de veículos, motocicletas, partes e peças.

⁷ Em relação ao mercado de trabalho do estado do Pará (PA), dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostraram que dentro da nossa amostra o estado foi o que teve a maior taxa de crescimento de empregos em fevereiro de 2021, na comparação interanual (5,1%). Desempenho bem acima da média nacional (2,2%).

Gráfico 2: Taxa de crescimento acumulada em doze meses do comércio ampliado, até fevereiro de 2021



Serviços: setor mais penalizado pela crise sanitária tem apenas o estado do Amazonas (AM) com taxa positiva.

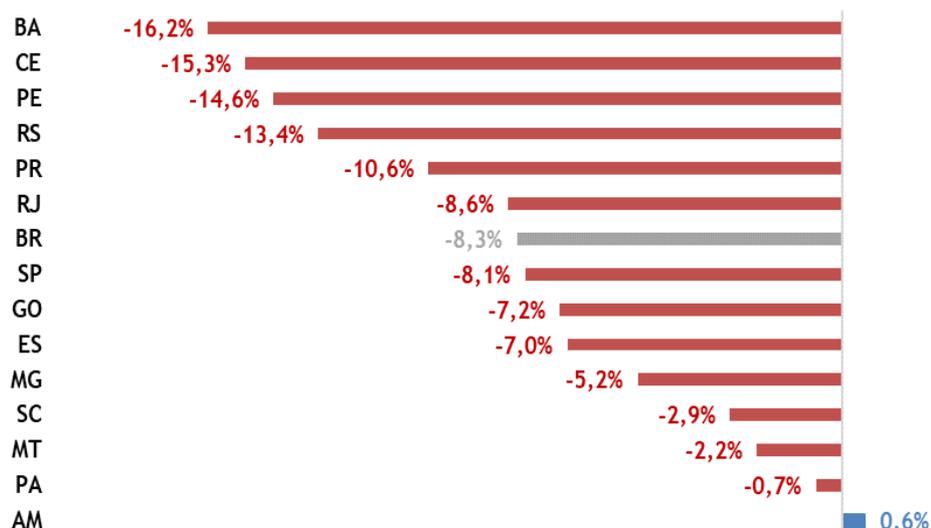
Entre os setores, o de serviços foi o que mais sofreu com a pandemia, uma vez que diversas atividades dependem diretamente de atendimento presencial e permaneceram com restrições ou até mesmo proibidas para evitar o aumento no contágio do novo coronavírus.

O estado do Ceará (CE), que dentre os estados analisados tem a maior participação do setor de serviços no PIB (76,7%), destaca-se pela queda expressiva neste setor (-15,3%), conforme observado no gráfico 3. O volume de atividades turísticas, setor de grande importância para a economia cearense, recuou 46,9% no acumulado em doze meses até fevereiro de 2021, terceira maior queda do segmento no país. O estado da Bahia (BA) também acumulou perda neste setor (-16,2%), influenciada principalmente pelo segmento de bares, restaurantes e turismo.

Em contrapartida, o estado do Amazonas (AM) foi o único a ter taxa positiva no acumulado em doze meses até fevereiro de 2021 no setor de serviços, liderado pelo segmento de logística, que teve uma grande escalada de demanda, devido ao crescimento das vendas no comércio online⁸.

⁸ Com a pandemia, o segmento de transporte, armazenagem e correio, que tem um peso significativo no setor de serviços do Amazonas (6,4%), teve seu comportamento favorecido pelo *e-commerce*, já que as empresas precisaram investir em delivery.

Gráfico 3: Taxa de crescimento acumulado em doze meses do Serviço, até fevereiro de 2021



Um ano após a pandemia: com exceção do Pará (PA), estados têm forte retração em sua atividade econômica.

Após a análise regional dos três grandes setores da economia (indústria, comércio e serviços), a Firjan elaborou um ranking de desempenho da atividade econômica, levando em consideração o peso de cada um destes setores no respectivo Produto Interno Bruto (PIB) de cada estado⁹.

A partir da tabela 1 é possível perceber que os estados com maior peso do setor de serviços no PIB¹⁰ tiveram a maior queda em sua atividade econômica (considerando os três grandes setores da economia) nos doze meses que sucederam a eclosão da pandemia. Esses são os casos dos estados do Nordeste, como Bahia (70,8%) e Ceará (76,7%).

Por outro lado, estados da região Norte, como o Amazonas (AM) e o Pará (PA), onde os serviços apresentam o menor peso em nossa amostra (59,2% e 58,8% respectivamente), mostraram os melhores desempenhos da atividade econômica. Ademais, o estado do Pará (PA), cuja participação da indústria no PIB é 10 pontos percentuais acima da média nacional, obteve taxa positiva de crescimento no acumulado em doze meses até fevereiro de 2021.

O estado do Rio de Janeiro (RJ) também teve forte queda em sua atividade econômica (-6,6%) no acumulado em doze meses até fevereiro de 2021. Este resultado encontra-se bem próximo à média nacional (-6,7%). Vale destacar que o estado do Rio evitou uma queda mais intensa por conta do resultado da indústria, em especial a indústria extrativa, uma vez que o setor de comércio apresentou um resultado abaixo da média nacional e serviços ficou bem próximo disso.

Diante do comportamento crítico da atividade econômica verificado em todos os estados analisados, a velocidade e o sucesso do programa de imunização da população são imprescindíveis para que o país consiga superar a crise gerada pela COVID-19. Sendo assim, a incerteza gerada pelo atraso da imunização e a nova onda

⁹ Importante mencionar que o setor agropecuário não foi levado em consideração na metodologia devido à ausência de dados que pudessem ser analisados na mesma frequência dos demais. Dessa forma, para a metodologia adotada pela Firjan para calcular a taxa de atividade econômica dos estados, foi realizada uma reponderação dos pesos de cada setor.

¹⁰ O peso do setor de Serviços no PIB brasileiro é de 73,1%, segundo dados do IBGE.

da pandemia, que bate recordes de vítimas a cada dia, torna o cenário brasileiro ainda bastante nebuloso para 2021.

Tabela 1: Taxa de crescimento acumulada em doze meses dos setores até fevereiro de 2021

Ranking	Estados	PIM	PMC	PMS	Atividade econômica
1	BA	-9,3%	-8,5%	-16,2%	-13,5%
2	CE	-5,8%	-5,7%	-15,3%	-12,0%
3	RS	-4,2%	-6,7%	-13,4%	-10,5%
4	PE	3,0%	0,1%	-14,6%	-7,9%
5	ES	-13,9%	3,6%	-7,0%	-7,7%
6	SP	-5,1%	-4,4%	-8,1%	-6,9%
7	PR	-2,0%	-1,2%	-10,6%	-6,8%
8	RJ	-2,1%	-4,2%	-8,6%	-6,6%
9	GO	-0,8%	-3,1%	-7,2%	-5,1%
10	MG	-0,4%	2,8%	-5,2%	-2,9%
11	MT	-6,3%	0,1%	-2,2%	-2,5%
12	SC	-3,1%	1,9%	-2,9%	-2,1%
13	AM	-7,3%	2,4%	0,6%	-2,1%
14	PA	0,1%	8,1%	-0,7%	0,6%
	BR	-4,2%	-2,3%	-8,3%	-6,7%

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do estado do Rio de Janeiro (Firjan) - Av. Graça Aranha, 01 - CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro. **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Diretor de Competitividade Industrial e Comunicação Corporativa:** João Paulo Alcântara Gomes; **Gerente Geral de Competitividade:** Luis Augusto Azevedo; **Gerente de Estudos Econômicos:** Jonathas Goulart. **Equipe Técnica:** Janine Pessanha, Nayara Freire, Marcio Afonso e Allan Oliveira.

Informações: economia@firjan.com.br